

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FALCUDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GUSTAVO GUISTEM SOARES

**PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE LGBTQIA+ SOBRE O MERCADO DE
ATIVIDADE FÍSICA**

BRASÍLIA

2024

GUSTAVO GUISCEM SOARES

Percepções Da Comunidade LGBTQIA+ Sobre O Mercado De Atividade Física

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pelo graduando Gustavo Guiscem Soares para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Américo Pierangeli Costa

BRASÍLIA

2024

DEDICATÓRIA

*Aos que vieram antes de mim, que lutaram
pela nossa existência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que desde cedo me ensinou o valor do estudo e sempre esteve ao meu lado, apoiando minhas escolhas. Aos meus amigos e companheiros, agradeço pelo apoio emocional e pela contribuição na elaboração deste trabalho.

Minha gratidão ao Professor Américo Pierangeli, por acreditar no potencial deste tema e pela orientação ao longo do processo; e aos voluntários que participaram da pesquisa. Sem vocês e suas experiências, este estudo não teria sido possível.

EPÍGRAFE

*“I’m beautiful in my way
Because God makes no mistakes
I’m on the right track, baby
I was born this way”
Lady Gaga, 2011*

RESUMO

Este trabalho investigou as percepções da comunidade LGBTQIA+ sobre o mercado de atividade física, com o objetivo de entender se esse grupo pode ser considerado um nicho específico. Através de uma abordagem qualitativa, utilizando grupos focais, foram exploradas experiências relacionadas ao contato físico na prática esportiva, acolhimento ou rejeição, padronização da imagem do homem gay, e padronização das práticas por gênero. Os resultados indicam que, embora existam espaços acolhedores, muitos ambientes de prática de atividade física ainda são marcados por exclusão e imposição de normas de gênero.

Palavras-chave: comunidade LGBTQIA+. Mercado de atividade física. Inclusão. Normas de gênero.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA.....	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1 CONTATO FÍSICO NA PRÁTICA ESPORTIVA	14
3.2 ACOLHIMENTO OU REJEIÇÃO.....	16
3.3 PADRONIZAÇÃO DA IMAGEM DO HOMEM GAY	18
3.4 PADRONIZAÇÃO DE PRÁTICAS POR GÊNERO.....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
5. REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICE A – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL	25

1. INTRODUÇÃO

A comunidade LGBTQIA+ tem despertado um crescente interesse em diversas áreas de pesquisa. Entre as dimensões que envolvem essa população, destaca-se a análise dos níveis de atividade física na comunidade. Paralelamente, diversos estudos em marketing procuram compreender os desejos e necessidades específicos da comunidade, além de avaliar a percepção e a satisfação em relação a produtos e serviços, inclusive no setor da atividade física e saúde. O entendimento da sexualidade, gênero, orientação sexual e identidade de gênero é essencial para compreender as experiências dessa comunidade. De acordo com Reis (2018), a orientação sexual é a capacidade de uma pessoa sentir atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero oposto (heterossexualidade), do mesmo gênero (homossexualidade) ou de múltiplos gêneros (bissexualidade), e inclui a possibilidade de estabelecer relações íntimas e sexuais com essas pessoas.

Em 2019, a Pesquisa Nacional de Saúde revelou que a população brasileira de homossexuais ou bissexuais totalizava 2,9 milhões de pessoas, representando 1,8% da população do país com 18 anos ou mais de idade. Esse percentual era mais alto entre os jovens com idade entre 18 e 29 anos, atingindo 4,8% das pessoas. Conforme a idade aumentava, as proporções diminuía, chegando a 0,2% entre as pessoas com 60 anos ou mais de idade. Entre as pessoas com nível superior completo, 3,2% se declaravam homossexuais ou bissexuais. Analisando o rendimento domiciliar per capita, os maiores percentuais foram encontrados em domicílios com renda per capita entre 3 e 5 salários mínimos (3,1%) e em domicílios com mais de 5 salários mínimos per capita (3,5%). Considerando toda a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais e outros), o total de adultos brasileiros pertencentes à comunidade pode chegar a 9,5 milhões de pessoas (Tressoldi, 2022).

A discriminação, o preconceito e a associação destes fatores com a frustração e o desamparo, como documentado no estudo de Cardoso (2022) e na Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em 2008, evidenciam os desafios enfrentados pelos membros da comunidade LGBTQIA+.

ressaltando a importância de investigar como as experiências da comunidade afetam sua participação na sociedade.

Estudos como o de Patrão (2019) visam identificar diferenças em comportamentos de saúde relacionados ao gênero e à orientação sexual no Brasil, enquanto Lindström, em 2020, associou a identidade sexual a baixos níveis de atividade física no lazer na população da Suécia. Tais pesquisas indicam que homossexuais tendem a fumar mais e passar mais tempo diante de telas do que heterossexuais (Patrão, 2019), com uma maior probabilidade de baixos níveis de atividade física no lazer para homens e mulheres bissexuais em comparação com a população heterossexual (Lindström, 2020).

A diferença nos níveis de atividade física com base na orientação sexual também tem sido abordada em estudos como Mereish (2015) e Calzo et al. (2014), que demonstram diferenças na obesidade, prática de atividades físicas e esportes entre adolescentes da comunidade LGBTQIA+ e adolescentes heterossexuais.

Do ponto de vista do marketing, a comunidade LGBTQIA+ tem recebido atenção de profissionais e acadêmicos. Apesar de um estudo citado em Tressoldi (2022) não qualificar gays e lésbicas como segmento de mercado, Tressoldi e Cardoso (2021) apontam que o grupo LGBTQIA+ emerge como um mercado relevante devido ao seu significativo poder aquisitivo. Neves (2021) também menciona o potencial econômico da comunidade LGBTQIA+ em um estudo sobre o turismo LGBTQIA+. Neves afirma que turistas LGBTQIA+ gastam mais que o público heterossexual por “terem melhores condições financeiras e nível cultural elevado”. No estudo sobre a representatividade LGBTQIA+ no marketing, Tressoldi e Cardoso (2021) enfatizam que o composto de marketing passou a considerar questões sociais, a experiência do consumidor, a inclusão da diversidade e pluralidade dos consumidores. No entanto, conforme Angelini (2010), algumas empresas relutam em apoiar a causa, uma vez que estratégias de marketing direcionadas a gays e lésbicas podem causar desconforto em outros segmentos de mercado.

Lira et al. (2022) investigaram o comportamento de compra de marcas locais pelo público LGBTQIA+, identificando que um alto engajamento socialmente responsável das empresas impacta positivamente a intenção de compra de marcas locais pelo consumidor homoafetivo. Outros estudos, como o de Cunningham e Melton

(2014) examinaram a influência de propaganda inclusiva LGBTQIA+ na intenção dos consumidores de se matricularem em uma academia de ginástica. Foi observado que a percepção da diversidade da academia aumentou com a propaganda inclusiva LGBTQIA+, e essa estratégia não teve impacto negativo entre os consumidores heterossexuais influenciando, ainda, uma parcela de consumidores em se matricular na academia.

Oakenfull (2013) identificou diferenças de mercado entre homens gays e mulheres lésbicas enfatizando que as empresas devem evitar considerar a comunidade LGBTQIA+ como um segmento homogêneo. Neves (2019) identifica que o público LGBTQIA+ apresenta necessidades, anseios e limitações específicas, diferentes do público heterossexual, o que reforça a necessidade de segmentação do mercado para atender melhor esse público. Essas constatações corroboram a perspectiva de Tressoldi (2022), que afirma que é necessário realizar pesquisas com todas as variantes da sigla LGBTQIA+.

Diante desse contexto, este trabalho de conclusão de curso visa investigar as percepções da comunidade LGBTQIA+ sobre o mercado de atividade física, analisando como, e se, a comunidade pode ser entendida como um nicho desse mercado. Será adotada a sigla LGBTQIA+ para referir-se à comunidade que engloba lésbicas, gays, bissexuais, pessoas transgêneras, queer, intersexuais, assexuais, e outras identidades de orientações não cis-heteronormativas. É importante destacar que, em outros estudos, diferentes variações da sigla podem ser encontradas, como LGBT, LGBTQ, ou LGBTQ+. A escolha da sigla LGBTQIA+ neste trabalho visa abranger maior diversidade de gêneros dentro da comunidade.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem exploratória de natureza qualitativa. Conforme delineado por Gil (2002), as pesquisas exploratórias buscam familiarizar-se com o problema, tornando-o mais evidente e contribuindo para a formulação de hipóteses. De acordo com Antônio (2011), caracteriza-se por sua escala reduzida, sendo empregada para esclarecer a natureza precisa do problema

de pesquisa e para obter uma compreensão mais aprofundada do contexto em que ocorre.

A opção pela pesquisa qualitativa, conforme sugerido por Baker (2005, apud Antônio, 2011), justifica-se pela intenção de analisar atitudes, motivações, opiniões e sentimentos dos entrevistados, proporcionando uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno em estudo.

Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de grupo focal. Conforme descrito por Vergara (2015), essa abordagem envolve a realização de entrevistas em grupo, orientadas por um moderador, com o intuito de promover uma discussão centrada em um tema específico. O grupo focal é útil para a geração de hipóteses e se destaca pela flexibilidade na condução das sessões, permitindo uma adaptação dinâmica ao contexto da pesquisa (Vergara, 2015). Os grupos focais foram conduzidos pelo pesquisador, baseado em um roteiro semiestruturado que foi sendo adaptado conforme o debate se desdobrava. Após a realização dos encontros, uma nova análise era realizada no roteiro para verificar se novas questões poderiam ser incorporadas no instrumento (Apêndice A).

Para a análise dos dados, foi escolhida a técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), essa técnica consiste em um conjunto de métodos para examinar comunicações, com o objetivo de extrair indicadores que possibilitem inferir conhecimentos sobre as circunstâncias em que essas mensagens foram produzidas. Embora originalmente desenvolvida para abordagens quantitativas, a análise de conteúdo também pode ser aplicada a estudos qualitativos. O processo envolve três etapas principais: a pré-análise, que envolve a seleção do material e o planejamento dos procedimentos; a exploração do material, que se refere à execução desses procedimentos; e, finalmente, o tratamento e a interpretação dos dados, onde se geram as inferências e os resultados da pesquisa. Em resumo, o procedimento central da análise de conteúdo é a definição de categorias relevantes para o objetivo do estudo. Essas categorias reúnem um grupo de elementos sob um tema, em razão das unidades de sentido comuns destes elementos (Bardin, 1977).

Os primeiros voluntários dos grupos focais foram convidados por conveniência dentro da rede de relacionamento pessoal dos pesquisadores. Em seguida, adotou-se a técnica de bola de neve para que indicações fossem feitas entre

pessoas da comunidade LGBTQIA+ que se interessassem em contribuir com a presente pesquisa. O perfil dos entrevistados, restrito a não caracterização deles, está descrito na sessão de resultados desse relatório de pesquisa. Os grupos focais aconteceram em ambientes discretos e todos os procedimentos éticos de pesquisa foram adotados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados três grupos focais com um total de 16 pessoas. A caracterização dos perfis dos voluntários está detalhada nos quadros abaixo. Após a análise da gravação e transcrição das entrevistas, observou-se quatro principais temas nas conversas. São eles: “Contato físico na prática esportiva”; “Acolhimento ou rejeição”; “Padronização da imagem do homem gay”; e “Padronização de práticas por gênero”.

Quadro 1 – Caracterização dos voluntários do grupo focal 1

Voluntária 1	Sexo feminino; Bissexual; Percebeu e assumiu sua orientação entre 4 e 5 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica atividade física 3 vezes por semana; Participa de grupo de danças.
Voluntária 2	Sexo feminino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 9 anos e se assumiu entre 2 e 3 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica handebol 2 vezes por semana;
Voluntária 3	Sexo feminino; Bissexual; Percebeu sua orientação há 17 anos e se assumiu há 11 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica musculação e futebol americano 6 vezes na semana;
Voluntário 4	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 8 anos e se assumiu há 4 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica vôlei, cheerleading, natação e corrida 4 vezes na semana;
Voluntária 5	Sexo feminino; Pansexual; Percebeu sua orientação há 8 anos e se assumiu a 5 anos; Idade entre 18 e 30 anos;

	Não pratica atividade física; Está em período de pós-parto.
--	--

Quadro 2 – Caracterização dos voluntários do grupo focal 2

Voluntário 1	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu e assumiu sua orientação há 29 anos; Idade entre 51 e 60 anos; Pratica musculação 4 vezes na semana.
Voluntário 2	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação na infância e se assumiu há 20 anos; Idade entre 41 e 50 anos; Pratica musculação 6 vezes na semana.
Voluntário 3	Sexo masculino; Percebeu sua orientação aos 13 anos e se assumiu aos 18 anos; Idade entre 41 e 50 anos; Pratica musculação e corrida 4 vezes na semana.
Voluntário 4	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 20 anos e se assumiu há 11 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica musculação 3 vezes na semana.

Quadro 3 – Caracterização dos voluntários do grupo focal 3

Voluntário 1	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 10 anos e se assumiu há 6 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Não pratica atividade física.
Voluntário 2	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 5 anos e se assumiu há 2 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica academia, corrida e cheerleading 6 vezes na semana.
Voluntário 3	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 10 anos e se assumiu há 5 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica cheerleading 3 vezes na semana.
Voluntário 4	Sexo masculino; Homossexual; Percebeu sua orientação na infância e se assumiu há 8 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica cheerleading 3 vezes na semana.
Voluntária 5	Sexo feminino; Homossexual; Percebeu e assumiu sua orientação há 7 anos; Idade entre 18 e 30 anos;

	Pratica cheerleading, tecido acrobático e musculação de 5 a 6 vezes na semana.
Voluntária 6	Sexo feminino; Homossexual; Percebeu sua orientação há 19 anos e se assumiu há 7 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica treino funcional, futevôlei, handebol e futsal 3 vezes na semana.
Voluntária 7	Sexo feminino; Bissexual; Percebeu sua orientação há 9 anos e se assumiu há 6 anos; Idade entre 18 e 30 anos; Pratica musculação, natação, ginástica artística e cheerleading 6 vezes na semana.

A seguir, será feita uma análise dos principais trechos que exemplificam os temas citados anteriormente.

3.1 CONTATO FÍSICO NA PRÁTICA ESPORTIVA

Em vários relatos, o contato físico na prática esportiva foi mencionado como um elemento que pode ter contribuído para a descoberta da orientação sexual dentro do ambiente esportivo. A voluntária 2 do grupo focal 1 mencionou:

“A primeira vez que entendi que mulher podia ficar com mulher foi dentro do esporte. Eu nem sabia que isso era possível, que existia. No handebol eu vi que tinha mais pessoas como eu e não tinham medo. Ali eu podia falar qualquer coisa, conversar sobre qualquer coisa” (Voluntária 2, grupo focal1)

Esse relato evidencia como o contato físico, típico de esportes como o handebol, pode criar um ambiente para a descoberta da orientação sexual, proporcionando uma rede de apoio entre os participantes. Enquanto alguns participantes relataram experiências positivas, outros mencionaram desconforto, especialmente em ambiente não acolhedores. Por exemplo, um trecho da fala da voluntária 1 do grupo focal 1:

“Por mais que a maior parte da equipe fosse de meninos héteros. Já tem outra mentalidade, porque os próprios meninos não gostavam de quando ficava muito agressivo. Sabe, é imposto mesmo. A gente quer jogar mais de boa.” (Voluntária 1, grupo focal 1)

Aqui, observa-se que o contato físico excessivamente agressivo pode criar desconforto, mesmo em contextos em que os jogadores têm boa relação. Isso aponta

para a necessidade de uma abordagem sensível ao contato físico, adaptada ao nível de conforto dos participantes. A agressividade no contato físico de alguns esportes também está presente na fala do voluntário 4, grupo focal 1, que diz:

“Eu sempre fui uma criança meio afeminada e tudo mais. Eu não tinha a voz grossa. Eu não ficava ‘batendo de frente’. Eles iam para cima um do outro, ficavam batendo boca, ficavam cuspidando no chão. Eu sempre ficava quietinho no meu canto de boa. Eles associavam isso a uma atitude feminina. Eu sempre fui muito chorão. Se um menino me empurrava no chão, eu chorava na hora. Aí ficavam te ‘zoando’” (Voluntário 4, grupo focal 1)

A experiência de ser alvo de bullying e agressões físicas mostram a expectativa de que os meninos devem ser brutos e resistentes. O choro era visto como uma fraqueza e de atitude feminina, reforçando o bullying. O contato físico nas práticas esportivas não se limita apenas às características do esporte, é também uma afirmação das normas de gênero.

Alguns participantes compartilharam suas experiências e perspectivas sobre o contato físico no cheerleading. Eles mencionaram que o cheerleading envolve muito contato físico entre os membros da equipe, como segurar e levantar uns aos outros, além de movimentos e posições que requerem contato próximo. Foi relatado uma preocupação de que esse contato físico possa ser mal interpretado ou visto de forma sexualizada por pessoas de fora que não entendem a natureza do esporte. Uma fala da voluntária 7 do grupo focal 3 menciona:

“Porque, tipo assim, passa às vezes uma visão diferente, sabe? Mas tudo o que acontece ali (no cheerleading) tem um sentido. Tipo assim, é super difícil subir um *stunt* (movimento no esporte para levantar uma pessoa). Para você subir um *stunt* de forma correta, tem toda uma técnica do movimento e às vezes existe uma pegada diferente, que quem não pratica não vai entender aquilo.” (Voluntária 7, grupo focal 3)

É relevante destacar como o contato físico em diferentes esportes geram percepções variadas. Essas percepções são ilustradas pelas falas da voluntária 5, grupo focal 3; e do voluntário 2, grupo focal 2. Enquanto o primeiro descreve o contato no cheerleading como um movimento para “salvar” o outro, a segunda fala expressa receios sobre como a proximidade na prática do jiu-jitsu poderia ser interpretada.

“De todos os outros esportes que estou pensando de contato, tipo o rugby, ou luta, são contatos mais agressivos. No cheerleading, é bem o oposto, entendeu? É um contato de salvar.” (Voluntária 5, grupo focal 3)

“Quando eu fui fazer jiu-jitsu, era uma preocupação muito grande minha, porque é um contato muito maior. E eu não queria ficar excitado junto com a pessoa, que não ia entender aquilo.” (Voluntário 2, grupo focal 2)

3.2 ACOLHIMENTO OU REJEIÇÃO

O acolhimento, ou a rejeição, desempenhou um papel importante na experiência dos entrevistados dentro do contexto esportivo. A análise das entrevistas mostrou como diferentes ambientes esportivos podem facilitar ou dificultar a participação dessas pessoas no esporte, dependendo do nível de acolhimento presente. Em várias situações, os participantes descreveram experiências em que se sentiram acolhidos e apoiados. Por exemplo, uma fala da voluntária 3 do grupo focal 1 destacou a importância do apoio mútuo no ambiente esportivo, criando uma rede de apoio emocional que vai além das atividades físicas:

“Ali todo mundo tentava se ajudar. Era uma roda de conselho além do esporte. Vi muita história triste. A gente tentava se apoiar no esporte.” (Voluntária 3, grupo focal 1)

O cheerleading também foi mencionado em contextos em que o acolhimento desempenha um papel fundamental. A necessidade de cooperação e confiança entre os membros da equipe pode fortalecer os laços e criar um ambiente mais inclusivo. Alguns participantes sentiram que a presença de outras pessoas da comunidade LGBTQIA+ em um esporte os encorajava a praticar, pois se sentiam representados e acolhidos:

“O cheerleading é um esporte bem acolhedor.” (Voluntária 7, grupo focal 3)

“Eu acho que não me influenciou a entrar, mas me influencia a continuar. Eu gosto de estar dentro da comunidade LGBT.” (Voluntária 5, grupo focal 3)

Por outro lado, a ausência de acolhimento foi identificada como uma barreira à participação esportiva. Um relato evidencia como a falta de acolhimento em ambiente educacionais e esportivos pode reforçar sentimentos de isolamento e impedir a participação de indivíduos da comunidade LGBTQIA+. Outros relatos mencionam que alguns esportes, como a natação e as lutas, eram ambientes heteronormativos onde eles tiveram que omitir ou esconder aspectos da sexualidade para evitar preconceito, bullying ou exclusão:

“Na escola eu não tive essa rede de apoio. Eu não podia me assumir na escola. Não era um ambiente seguro para mim.” (Voluntária 3, grupo focal 1)

“A natação é um esporte que a maior parte das pessoas que vão treinar são heterossexuais, é um ambiente bem heteronormativo, ainda, né? Você tem que se blindar para não passar por muitas coisas, não ouvir piadinhas. Você omite algumas coisas para que você não sofra algum tipo de preconceito.” (Voluntário 4, grupo focal 3)

“Quando eu fui fazer jiu-jitsu isso pegou bastante, porque era muito claro que existia uma preocupação maior quando a pessoa era gay.” (Voluntário 2, grupo focal 2)

O Voluntário 4 do grupo focal 1 relata que o bullying começou para ele dentro do esporte, onde comportamentos como não confrontar e expressar emoções eram interpretados como sinais femininos. A rejeição no esporte começou com a imposição de estereótipos de gênero que valorizavam a agressividade e a competitividade. Aqui, o esporte pode marginalizar aqueles que não se encaixam com o comportamento masculino esperado, criando um ambiente de desconforto e exclusão.

Um trecho da fala da voluntária 3, grupo focal 1, debate sobre o acolhimento em diferentes práticas esportivas. Enquanto o balé se revelou um ambiente pouco acolhedor para uma pessoa que está descobrindo sua homossexualidade, o futebol americano se mostrou mais inclusivo. A participante observa que o balé possui um ambiente onde a aceitação da diversidade pode ser limitada, mostrando uma falta de abertura para pessoas com diferentes orientações sexuais. Essa abertura foi encontrada no futebol americano, oferecendo um ambiente mais acolhedor e acessível, independente da condição social ou identidade sexual dos praticantes. É interessante notar como um mesmo esporte se mostra mais acolhedor ou não, dependendo do gênero ou identidade da pessoa. A padronização das práticas por gênero será discutida adiante neste trabalho.

“É, eu gostava do balé. Era uma atividade que me trazia calma. Me ajudava muito com a questão disciplinar. Mas depois de um tempo eu percebi que não era para mim. Não só em relação ao acolhimento, como uma pessoa que se descobriu gay na adolescência. Até porque uma coisa que eu acredito é que o balé clássico é muito elitista. Não é todo mundo que tem uma mente tão aberta ali dentro. Enquanto no grupo de futebol americano, apesar de não ser um esporte tão comum aqui no Brasil, ele abre as portas para muitas pessoas, independente de condição. Tanto física, financeira e tudo da pessoa.” (Voluntária 3, grupo focal 1)

3.3 PADRONIZAÇÃO DA IMAGEM DO HOMEM GAY

Outro tema relatado nas entrevistas foi a “padronização da imagem do homem gay”. Carvalho (2022) diz que a busca por muscularidade entre homens gays pode ser vista como um reflexo de pressões para se adequarem a um padrão masculino ideal. A tentativa de reparar uma autoestima prejudicada pela homofobia pode ser um motivo para essa busca, revela o autor.

Vários participantes do sexo masculino mencionaram sentir uma pressão constante para se adequarem a um determinado padrão de beleza, que muitas vezes é promovido dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Um trecho da fala do voluntário 4 do grupo focal 1 destaca que essa pressão pode gerar um ambiente de desconforto e julgamento dentro dos locais de prática de atividades físicas:

“Querendo ou não, a questão da estética para os homens gays é muito forte. Sempre tem aquela busca pelo padrão de beleza. Muitos gays gostam de ir para a academia. Mas isso gera um ambiente de desconforto, de julgamento.” (Voluntário 4, grupo focal 1)

Outro participante diz que a pressão para manter um padrão físico pode estimular o homem gay a cuidar mais do corpo. Porém, esse cuidado com o corpo acaba se limitando apenas à aparência física. Aqui, apesar de não mencionado, fica subentendido o uso de esteroides anabolizantes por alguns homens da comunidade LGBTQIA+:

“Existe uma grande pressão, assim, para manter um padrão físico de beleza. Então isso acaba estimulando, querendo ou não, a gente a cuidar um pouco mais do corpo. Mais pela estética e menos pela saúde.” (Voluntário 4, grupo focal 2)

A conversa continua com a fala do voluntário 2, do mesmo grupo focal 2. O trecho reafirma como as normas estéticas influenciam a busca por atividades físicas por homens gays. No entanto, ele menciona que a prática de musculação se transformou em uma atividade para o bem-estar, proporcionando lazer e alívio do estresse.

“Eu concordo que o [voluntário 4] falou sobre a busca da academia vem primeiro talvez por um padrão de estética do que pela própria atividade em si. Para mim se tornou uma atividade, hoje eu faço musculação, para mim se tornou uma atividade que é necessária para extravasar, estresse, essas coisas. Eu gosto de fazer, não vai mais pela estética, mas de início foi.” (Voluntário 2, grupo focal 2)

Além de buscar um corpo que se encaixe no padrão de imagem vigente, parece haver uma competição implícita entre os membros da comunidade LGBTQIA+. É o que evidencia o trecho dito pelo voluntário 4 do grupo focal 1:

“Ele [o homem gay] vai fazer um bíceps rosca e tem outro cara que faz mais do que ele. Aí ele se sente um pouquinho mais atacado, entendeu? Acho que é pelo ego. Ficar se comparando.” (Voluntário 4, grupo focal 1)

Outro comentário do participante aponta para uma segregação social dentro da comunidade gay, onde o pertencimento a determinados grupos está associado ao cumprimento do padrão de imagem: “Todo mundo meio que sabe disso. Que tem o grupo dos gays padrões que só andam com gays padrões.” (Voluntário 4, grupo focal 1)

3.4 PADRONIZAÇÃO DE PRÁTICAS POR GÊNERO

Também foi discutido sobre se sentir confortável em praticar certas atividades devido à orientação sexual ou identidade de gênero. Alguns evitavam ambientes que poderiam ser homofóbicos: “Não vou fazer isso porque é um ambiente que talvez seja homofóbico” (Voluntário 2, grupo focal 2). Esse relato mostra que o medo da discriminação pode se tornar um obstáculo para a prática de algumas atividades físicas. Essa ideia é reforçada em outro trecho dito pelo voluntário 3 do grupo focal 2 que descreve a hesitação em utilizar certos equipamentos na academia por receio de julgamentos: “Por mais que a gente sabe que é essencial fazer exercício, tem momentos que eu deixei de fazer por vergonha do ambiente”. (Voluntário 3, grupo focal 2)

O estereótipo de gênero tem um papel importante na escolha das práticas de atividades físicas durante a adolescência. É o que diz o voluntário 4 do grupo focal 1, que procurava qual esporte se encaixava melhor no estereótipo de onde ele se enxergava e começava a praticá-lo: “A gente começa a se descobrir na adolescência, né? Aí, a gente vê qual é o esporte que se encaixa mais no estereótipo de onde eu me vejo.”

Uma outra fala sugere que atividades físicas percebidas como “mais femininas” podem ter um público LGBTQIA+ maior:

“Eu acho que qualquer atividade que possa ser interpretada como sendo mais feminina acaba tendo mais integrantes LGBT, como por exemplo, eu vejo pilates, yoga, geralmente tem um público LGBT maior.” (Voluntário 4, grupo focal 2)

Nas práticas percebidas como “mais femininas”, a expressão do gênero pode ser mais flexível, permitindo que os participantes se sintam mais confortáveis e menos julgados. Diferente de práticas tradicionalmente “mais masculinas”, onde a pressão para se encaixar numa norma de masculinidade pode ser mais forte, excluindo aqueles que não correspondem a essas normas.

Um trecho citado pelo voluntário 1 do grupo focal 2 menciona a dispensa das aulas de educação física que eram focadas apenas no futebol e, em vez disso, poder praticar vôlei. Ele relata que enquanto jogava futebol, a experiência da prática de esportes não era boa. O futebol é um esporte que produz representações de gênero dentro de uma lógica heteronormativa, machista e homofóbica (Bandeira, 2013) e a decisão de dispensar o voluntário dessas aulas e permitir que ele jogue outro esporte mostra uma contradição entre as normas de gênero e as preferências pessoais. Por ser um homem, já é esperado que ele goste de futebol. Essa associação entre o gênero e a prática esportiva pode gerar um ambiente que restringe a participação dos que não se identificam com esses estereótipos. A prática de esportes torna-se não apenas uma questão de interesse, mas também de conformidade com as normas de gênero.

“Na educação física não era uma experiência boa. O professor dava uma bola de futebol e eu não gostava de jogar futebol. Com tempo, se tornou uma experiência boa porque eu entrei no time de vôlei e fui dispensado das aulas de educação física.” (Voluntário 1, grupo focal 2)

Essa experiência com o futebol é partilhada pelo voluntário 4 do grupo focal 1. Ele menciona que começou a praticar futsal, incentivado pelos pais. Porém, ele não guarda boas memórias da prática. Em diversos trechos o voluntário narra que, apesar de ser esperado que ele gostasse do futsal por ser um menino, se sentia desconfortável durante a prática esportiva.

“Foi um processo de construção do que os meus pais queriam que eu fizesse e o que eu queria fazer. Comecei no futsal, época tenebrosa da minha vida.

Foi meio tenso. [...] Tinha muita agressividade verbal e eu ficava deslocado. Eu não me sentia confortável.” (Voluntário 4, grupo focal 1)

A padronização de práticas por gênero também aparece no relato da voluntária 2 do grupo focal 1. Enquanto alguns meninos são encorajados a praticar esportes como o futsal, a mesma modalidade é negada às meninas, que são orientadas para a atividades como o balé. A ideia de que o futsal era “coisa de menino” era reforçada pelos próprios pais, que a impediam de participar.

“Fui meio que obrigada a fazer balé. Não me encontrei nada na dança. Sempre participando do balé e olhando pela janela o futsal acontecendo do lado de fora. Os meus pais cuidavam da escolinha de futsal e mesmo assim eles não queriam que eu participasse. [...] Eu escutei muito da minha mãe que futsal era coisa de menino.” (Voluntária 2, grupo focal 1)

É interessante notar como um mesmo esporte, como o futsal, pode carregar conotações distintas dependendo do gênero. Para os meninos, é visto como uma expectativa e quase obrigatório e para as meninas é uma atividade proibida ou desencorajada. A padronização das práticas por gênero restringem as oportunidades pessoais e perpetuam os estereótipos que reforçam as divisões tradicionais entre “esporte de menino” e “esporte de menina”. A fala continua, ilustrando como essa divisão no esporte por gênero afeta a experiência: “Eu queria jogar o futebol mas os meninos não jogavam direito se eu estivesse no time. ‘É uma menina! Vou empurrar!’ Ou jogavam a bola muito forte.” (Voluntária 2, grupo focal 1). Esse comportamento reflete a ideia de que meninas não deveriam participar de esportes como o futebol.

A fala do voluntário 4 do grupo focal 2 reforça como a padronização das práticas por gênero pode desmotivar a participação na atividade física:

“Mas aí, em algum momento, na escola, conforme os professores de educação física iam fazendo a gente jogar futebol, eu fui gostando cada vez menos. Então, assim, eu não tinha um problema com esse lance de ser escolhido (por último), até porque eu não queria estar ali, não queria fazer nada. ” (Voluntário 4, grupo focal 2)

Essa imposição de uma única modalidade esportiva pode gerar desinteresse e afastamento das pessoas. É criado um ambiente que não acolhe aqueles que não se identificam com essas normas. Normas que contribuem para o desenvolvimento de uma atitude negativa em relação à prática de atividade física.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar as percepções da comunidade LGBTQIA+ sobre o mercado de atividade física, buscando entender se essa comunidade pode ser considerada um nicho específico. A comunidade LGBTQIA+ vem despertando um interesse em diversas áreas de pesquisa, o que reforça a relevância de estudos que explorem as particularidades e os desafios enfrentados por essa população.

Com a técnica dos grupos focais, a análise do conteúdo revelou quatro temas principais: “contato físico na prática esportiva”; “acolhimento ou rejeição”; padronização da imagem do homem gay”; e “padronização de práticas por gênero”. Os resultados indicam que, apesar de alguns ambientes esportivos proporcionarem acolhimento e inclusão, muitos ainda são marcados pela exclusão, preconceito e imposição de normas de gênero.

Este estudo serviu como uma etapa inicial para uma melhor compreensão das necessidades da comunidade LGBTQIA+. No entanto, percebe-se a necessidade de mais estudos que aprofundem a relação entre sexualidade, gênero e prática de atividade física. As manifestações das práticas de atividade física parecem ser tão plurais quanto a comunidade. Assim, pode-se perceber que algumas práticas de modalidades esportivas são mais acolhedoras em um sentido amplo, como o caso do *cheerleading*. Em outras situações, percebeu-se a existência de práticas mais heteronormativas para homens gays, como a natação e o futebol. Para além das práticas esportivas, as atividades realizadas em academias podem oferecer um ambiente hostil que vai além da homofobia praticada por heterossexuais.

Como parte relevante dessa pesquisa, destaca-se o padrão de imagem corporal sustentados por homens gays que frequentam academias e que, de certa forma, hostilizam outros homens gays fora dos padrões dominantes vigentes de corpos mais musculosos. Esse fato, levantado nessa pesquisa, gera novas investigações específicas em ambientes de prática de atividade física não vinculadas a um esporte específico. Sugere-se como pesquisas futuras, abordagens mais exclusivas em academias de ginástica, estúdios de treinamento funcional, *boxes* de

Crossfit, estúdios de Pilates e práticas que estão mais associadas ao que pode ser classificado como atividades para a saúde e qualidade de vida.

Como em toda pesquisa, esse estudo apresenta limitações, sendo uma delas o fato de grande parte da amostra ser composta por estudantes universitários. Devido à natureza desse trabalho de conclusão de curso, o tempo disponível para a realização foi um fator que influenciou a conveniência na escolha da amostra. No entanto, o tema mostrou-se relevante para os pesquisadores, motivando o início dessa investigação. Espera-se que futuros estudos possam expandir e aprofundar as questões metodológicas e os achados aqui apresentados.

5. REFERÊNCIAS

- ANGELINI, J. R.; BRADLEY, S. D. Homosexual imagery in print advertisements: Attended, remembered, but disliked. *Journal of homosexuality*, v. 57, n. 4, p. 485-502, 2010.
- ANTONIO, T. D. Pesquisa de marketing: livro didático. 2. Ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. 1977. Reimpressão 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BRASIL. Texto-base da Conferência Nacional de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais-Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, aprovado pela Comissão Organizadora. 2008.
- CALZO, J. P. et al. Physical activity disparities in heterosexual and sexual minority youth ages 12–22 years old: roles of childhood gender nonconformity and athletic self-esteem. *Annals of behavioral medicine*, v. 47, n. 1, p. 17-27, 2014.
- CARDOSO, J. G.; ROCHA, R. A. Do explícito ao sutil: existe discriminação percebida pelo consumidor LGBTI+ no Brasil?. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 20, p. 483-499, 2022.
- CUNNINGHAM, G. B.; MELTON, E. N. Signals and cues: LGBT inclusive advertising and consumer attraction. *Sport Marketing Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 37, 2014.
- GIL, A. C. et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R.; FELIX, B. O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. *Cadernos Ebape*. BR, v. 17, p. 375-388, 2019.

IBGE, Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Orientação sexual autoidentificada da população adulta. Rio de Janeiro: IBGE; 2022. Acesso em: 31/10/2023. Disponível em: [liv101934.pdf \(ibge.gov.br\)](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101934.pdf)

LINDSTRÖM, M.; ROSVALL, M. Sexual identity and low leisure-time physical activity: a population-based study. *Public health*, v. 182, p. 77-79, 2020.

LIRA, J. S.; DA SILVA JÚNIOR, O. G.; DE SOUSA JÚNIOR, J. H. O público LGBTQ+ e a compra de produtos locais. *Revista Administração em Diálogo-RAD*, v. 24, n. 2, 2022.

MEREISH, E. H.; POTEAT, V. P. Let's get physical: sexual orientation disparities in physical activity, sports involvement, and obesity among a population-based sample of adolescents. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 9, p. 1842-1848, 2015.

NEVES, C. S. B. Turismo Lgbt: Publicações no Journal Of Homosexuality. *Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT*, v. 15, n. 2, p. 1-21, 2021.

OAKENFULL, G. W. What matters: Factors influencing gay consumers' evaluations of "gay-friendly" corporate activities. *Journal of Public Policy & Marketing*, v. 32, n. 1_suppl, p. 79-89, 2013.

PATRÃO, A. L., ALMEIDA, M. D. C., M. ALVIM MATOS, S., GRIEP, R. H., NOGUEIRA, C., RODRIGUES, L., & AQUINO, E. M. (2020). Gender, sexual orientation and health behaviors in the ELSA-Brasil cohort. *Cogent Social Sciences*, 6(1), 1787695.

REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

TRESSOLDI, C.; CARDOSO, J. G. A Representatividade LGBTQ no marketing mix: Como dar visibilidade a esse consumidor?. *International Journal of Business Marketing*, v. 6, n. 1, p. 58-76, 2021.

TRESSOLDI, C. Itinerários de produção científica: pesquisas LGBTQI+ no marketing. *Revista Administração em Diálogo*, v. 24, n. 1, p. 116-132, 2022.

VERGARA, S. C. Métodos de pesquisa em administração. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

1. Como foram os primeiros momentos de prática de atividade física (PAF) na sua vida?
2. Você já tinha descoberto ou assumido sua orientação?
3. A PAF te ajudou ou prejudicou na descoberta?
4. A PAF te ajudou ou prejudicou ao assumir?
5. Alguém neste lugar de prática te apoiou?
6. Alguém neste lugar de prática te criticou?
7. A presença de outras pessoas com orientação sexual semelhante à sua influencia sua experiência na PAF?
8. Você se sente à vontade em relação à sua orientação sexual em locais de PAF?